
Amazônia Negra

Black Amazon

Amazonía Negra

*Marcela Bonfim (Artista independente, Brasil)**

<https://doi.org/10.22409/poiesis.v22i37.47272>

209

RESUMO: *(Re)Conhecendo a Amazônia Negra* é uma narrativa visual e política sobre a constituição e memória da população negra brasileira, enraizada na região amazônica. Acomodada dentro do campo das artes visuais, propõe uma reflexão prática e imagética sobre a geopolítica dos corpos-identidades brasileirxs, aproximando-se também da própria economia enquanto sistema e agente operacional de uma normativa branca, colonial e ainda atuante, a ponto de nos impressionar ao reconhecer uma Amazônia enegrecida.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia Negra; reconhecimento; narrativa; política

* Marcela Bonfim é artista-fotógrafa residente em Rondônia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4097-0370>. E-mail: reconhecendoamazonianegra@gmail.com.

ABSTRACT: *(Re)Conhecendo a Amazônia Negra* is a visual and political narrative about the constitution and memory of Brazilian black population, rooted in the Amazonian region. Situated on the visual arts field, it proposes a practical and imaged meditation about the geopolitics of Brazilian bodies-identities, also approaching the economy itself as a system and operational agent of a white, colonial, and still functional normative, in a way that recognize a black Amazon surprises us.

KEYWORDS: Black Amazon; recognition; narrative; politics

RESUMEN: *(Re)Conociendo la Amazonia Negra* es una narrativa visual y política sobre la constitución y la memoria de la población negra brasileña, afincada en la región del Amazonas. Establecida dentro del campo de las artes visuales, propone una reflexión práctica y imaginativa sobre la geopolítica de las identidades-cuerpos brasileñas, abordando también la propia economía como sistema y agente operativo de una normativa blanca, colonial y todavía activa, hasta el punto de impresionarnos al reconocer una Amazonia ennegrecida.

PALABRAS CLAVE: Amazonía negra; reconocimiento; narrativa; política

Citação recomendada:

BONFIM, Marcela. Amazônia Negra. *Revista Poiésis*, Niterói, v. 22, n. 37, p. 209-220, jan./jun. 2021. [<https://doi.org/10.22409/poiesis.v22i37.47272>]



Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC) © 2021 Marcela Bonfim

Encontrei uma Amazônia da cor da minha pele

Amazônia é uma ideia-lugar disputada por muitas mentes de ontem e de hoje. Essas mentes, além de repercutirem seus interesses na devastação desse território, perpetuam desigualdades por meio da estigmatização das mais diversas realidades (e mundos) presentes na região. Encontrar uma Amazônia da cor de minha pele, diferentes do que eu imaginava, me permitiu acessar lugares que nunca pensei existir.

Vivenciar esses lugares — esses muitos lugares — que constituem a Amazônia me despertou a consciência das diversas formas de (in)visibilidade cultivadas nesse território, quase todas relacionadas aos po-

vos originários, aos indígenas que vão sendo “apagados no tempo” pelos recém-chegados “pioneiros” — numa tentativa neocolonial de cristalizar um marco zero, posterior à história das origens da Amazônia. Uma marcante forma de “(in)visibilidade” ocorreu/ocorre no esteio de uma regionalização do Corpo Negro, a ponto de se tentar reforçar a ideia das “raízes negras” apenas restritas à região nordeste do Brasil.

Tocar a presença e o legado das populações negras na Amazônia significa apropriarmo-nos de parte fundamental da história do Brasil, também submersa à escravização da humanidade dos corpos africanos, a partir da segunda metade do século 18, com o deslocamento em massa

de populações de Vila Bela da Santíssima Trindade para o Vale do Guaporé, no período em que Rondônia ainda era território do Mato Grosso e do Amazonas. À época, tais deslocamentos populacionais serviam à estratégia de exploração do ouro e à construção do “Forte Príncipe da Beira” (RO), entendido como área de “defesa” das fronteiras territoriais.

A partir de 1870, migrações negras passaram a modificar a região amazônica, principalmente com a chegada das populações vindas do Pará, do Maranhão, Ceará, Bahia e outras localidades — período marcado pelo “Ciclo do Ouro” e “Ciclo da Borracha”. Entre 1907 e 1912, trabalhadores da “diáspora barbadiana” contribuíram com mão de obra qualificada para a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e também colaboraram para uma efetiva institucionalização de serviços relacionados à educação, saúde e outras políticas sociais na região.

Atualmente, novas diásporas se instalam na Amazônia, como a dos recém-chegados haitianos e venezuelanos. O acesso a estórias/histórias das inúmeras populações negras na Amazônia trouxe à tona a necessi-

dade de ressignificação da própria história do negro no Brasil, uma vez que nos deparamos com uma série de contribuições e influências ainda não (re)conhecidas.

Hoje, prosseguir com o desvelamento e a circulação dessas estórias/histórias é um modo de não deixar de ver como o Corpo Negro fez/faz o Brasil, tal como ele é. E, sobretudo, tal como o Brasil poderá ser quando admitir, reconhecer e valorizar suas raízes africanas. Há uma Amazônia Negra, que são várias. No meu trabalho, tenho me encontrado com a Amazônia indígena e negra, cujo afeto-imagem-destino brota da terra².

Notas

¹ Economista, Marcela Bonfim, era outra até os 27 anos. Na capital paulista, acreditava no discurso da meritocracia. Já em Rondônia, adquiriu uma câmera fotográfica e, no lugar das ideias, deu espaço a imagens e contextos de uma Amazônia afastada das mentes de fora, mas latentes às vias de dentro. As lentes foram além, captando, da diversidade e das inúmeras presenças negras, potências e sentidos antes desconhecidos a seu próprio corpo recém-enegrecido.

² Texto de Marcela Bonfim publicado na Agência Pública (2019), na Série Amazônia Sem Lei. Disponível em <https://apublica.org/2019/10/encontrei-uma-amazonia-da-cor-da-minha-pele/>. Acesso em 5/10/2020.



Fig. 1 - Marcela Bonfim, *Quilombola de Vila Bela*
(Fonte: Marcela Bonfim)



Fig. 2 - Marcela Bonfim, *Jesus Johnson, descendente de imigrantes barbadianos.*
(Fonte: Marcela Bonfim)



Fig. 3 - Marcela Bonfim, *(Re)Conhecendo a Amazônia Negra*.
(Fonte: Marcela Bonfim)



Fig. 4 - Marcela Bonfim, *Matriarca barbadiana de Porto Velho, em Rondônia.*
(Fonte: Marcela Bonfim)



Fig. 5 - Marcela Bonfim, *(Re)Conhecendo a Amazônia Negra*.
(Fonte: Marcela Bonfim)



Fig. 6 - Marcela Bonfim, *(Re)Conhecendo a Amazônia Negra*.
(Fonte: Marcela Bonfim)



Fig. 7 - Marcela Bonfim, *(Re)Conhecendo a Amazônia Negra*.
(Fonte: Marcela Bonfim)



Fig. 8 - Marcela Bonfim, *(Re)Conhecendo a Amazônia Negra*.
(Fonte: Marcela Bonfim)